

# O CONTO do Vigário

Fernando Pessoa

Prefácio de  
António Bagão Félix





# O CONTO do Vigário





**O Conto do Vigário**  
Fernando Pessoa

---

# **PREFÁCIO**

Antônio  
Bagão  
Félix

# O Conto do Vigário

**Autor**

Fernando Pessoa

**Prefácio**

António Bagão Félix

**Editor**

Centro Atlântico

**Colecção**

Classicus

**Coordenação editorial**

Helena Oliveira

**Revisão**

Centro Atlântico

**Capa e paginação**

Susana de Campos Moraes

**Impressão e acabamento**

Papelmunde – SMG, Lda

1.ª edição: Março de 2011

ISBN: 978-989-615-112-6

Depósito Legal: 325535/11

© Centro Atlântico, Lda., 2011

Ap. 413

4764-901 V. N. Famalicão

Portugal

**geral@centroatlantico.pt**

**www.centroatlantico.pt**

Reservados todos os direitos por Centro Atlântico, Lda.  
Qualquer reprodução, incluindo fotocópia, só pode ser  
feita com autorização expressa dos editores da obra.

# Índice

**11**  
pág.

Prefácio de  
António Bagão Félix

**31**  
pág.

Um Grande Português /  
A origem do Conto do Vigário  
contado por Fernando Pessoa

Prefácio

**Antônio  
Bagão  
Félix**



## Prefácio

«A olhar a mentira dos salões esquecemos a verdade das celas»

(Miguel Torga)

Fernando Pessoa legou-nos esta deliciosa e sagaz história, escrita em 1926, com o sugestivo título *Um grande português*, que três anos mais tarde foi publicada já com o nome *A origem do conto do Vigário*.

A palavra ‘vigário’ tem uma semântica muito própria: trata-se do indivíduo que substitui ou faz as vezes de um outro. Um termo que ficou relativamente proscrito na sua acepção original, a não ser na hierarquia eclesial, como é o caso do Vigário-geral, que é quem substitui o Bispo no trabalho burocrático e amanuense da diocese.

Acontece que Pessoa fala-nos, não de um vigário, mas do senhor Vigário. Manuel Peres Vigário, de nome completo. Um ribatejano dos sete costados, habituado a um quotidiano feito de la-

bor e negócio. Uma história, em que a osmose entre o seu nome Vigário e o ter sido um vigário no sentido literal do termo, ao fazer as vezes de um outro, por sinal trapaceiro, alterou o conto do Vigário que passou, definitivamente, ao genérico e hifenizado conto-do-vigário. Às vezes, maliciosa ou ignorantemente, também associado à prelatura religiosa, donde uma outra expressão popular, «*ensinar o padre-nosso ao vigário*», pela qual se pretende insinuar que se está a dar lições a quem sabe melhor ou mais do que se pensa.

Já passaram oitenta anos desde que o *O “Notícias” Ilustrado* deu à estampa esta narrativa na vida do Vigário. Muito mudou, na circunstância, entenda-se. Os contos viraram euros, mas o conto ainda o é. Na essência. E o senhor Vigário, lavrador e ribatejano, de que nos fala Pessoa, metamorfoseou-se num ambiente de globalização e de exuberância tecnológica. É claro que continua a haver o vigário doméstico ou local, com uma métrica modestamente artesanal de enganar o parceiro. Mas a sofisticação da trapaça é agora universal, sem muros ou obstáculos.



A Origem  
**DO CONTO**  
do Vigário

Fernando Pessoa



# **UM GRANDE PORTUGUÊS**

## **A origem do Conto do Vigário**

Vivia, há já bastantes anos, algures num concelho do Ribatejo, um pequeno lavrador e negociante de gado chamado Manuel Peres Vigário.

Chegou uma vez ao pé dele um fabricante de notas falsas e disse-lhe: «Sr. Vigário, ainda tenho aqui umas notazinhas falsas de cem mil réis que me falta passar. O senhor quer? Largo-lhas por vinte mil réis cada uma».

«Deixe ver», disse o Vigário; e depois reparando logo que eram imperfeitíssimas, rejeitou-as. «Para que quero eu isso?», disse; «isso nem a cegos se passa».

O outro, porém, insistiu; Vigário, regateando, cedeu um pouco. Por fim fez-se negócio de vinte notas, a dez mil réis cada uma.

Sucedeu que dali a dias tinha o Vigário que pagar a dois irmãos, negociantes de gado como ele, o saldo de uma conta, no valor certo de um conto [milhão] de réis. No primeiro dia da feira, em





# O CONTO do Vigário

Mudam-se os tempos, mudam-se os contos-do-vigário. Mas, no essencial, mantém-se aquilo que os define:

«Já passaram oitenta anos desde que *O "Notícias" Ilustrado* deu à estampa esta narrativa na vida do Vigário. Muito mudou, na circunstância, entenda-se. Os contos viraram euros, mas o conto ainda o é. Na essência. E o senhor Vigário, lavrador e ribatejano, de que nos fala Pessoa, metamorfoseou-se num ambiente de globalização e de exuberância tecnológica. É claro que continua a haver o vigário doméstico ou local, com uma métrica modestamente artesanal de enganar o parceiro. Mas a sofisticação da trapaça é agora universal, sem muros ou obstáculos.

Há os vigários tóxicos, os vigários prolixos e os vigários que passam entre os pingos da chuva. Seguramente todos nocivos. Há, também, os vigários políticos e eleitorais que prometem sem cumprir, para crédulos e votantes sempre disponíveis para recair no conto-do-vigário.

A própria linguagem amaciou a técnica do vigário. Não mente, limita-se a dizer uma inverdade. Não tem conflitos de interesses, antes está a tirar partido de uma sinergia. Não comete burlas, o que enfrenta, coitado, são imparidades. Não é aldrabão, assume-se como flexível. Tacticamente Individualista, diz que nada tem a ver com a vida dos outros, para que os outros o deixem à vontade na sua vida. Para ele, os fins justificam, sem pestanejar, qualquer meio».

António Bagão Félix

**Colecção  
Classicus**